

Ser imperfeita

Being imperfect

PATRÍCIA FERREIRA PARÁ YXAPY

Tekoa Ko'enju, Rio Grande do Sul, Brasil
yxapy.patri@gmail.com

SOPHIA PINHEIRO

Universidade Federal Fluminense, Brasil
sophiaxpinheiro@gmail.com

Resumo

Documentário experimental de média-metragem *Teko Haxy — Ser Imperfeita* (2018, som, cor, 39', Brasil), escrito pelas duas diretoras da media-metragem, Patrícia Ferreira Pará Yxapy e Sophia Pinheiro, seguido de uma narrativa subjetiva dos processos de realização do mesmo.

Palavras-chave

Cinema de mulheres | relação | política das imagens | cinema processo

Abstract

Documentary *Teko Haxy — Ser Imperfeita* (2018, sound, cor, 39', Brazil), written by its two directors, Patrícia Ferreira Pará Yxapy and Sophia Pinheiro, followed by a subjective narrative of the processes of making this experimental medium-length documentary.

Keywords

Women's cinema | relationship | image politics | process cinema

<https://vimeo.com/302443789/c4588d55f8>

TEKO HAXY — ser imperfeita (2018)

Documentário experimental, colorido, 39'

Sinopse: Um encontro íntimo entre duas mulheres que se filmam. O documentário experimental é a relação de duas artistas, uma cineasta indígena e uma artista visual e antropóloga não-indígena. Diante da consciência da imperfeição do ser, entram em conflitos e se criam material e espiritualmente. Nesse processo, se descobrem iguais e diferentes na justeza de suas imagens.

Nosso filme *Teko Haxy — Ser Imperfeita* é uma experiência do encontro. Filmamos por quase três anos, desde o nosso encontro em 2015 e tivemos que nos adequar à linguagem das vídeo-cartas. Um esforço mútuo pois de um lado era uma pessoa com pensamento juruá (branco) e do outro, uma pessoa com os pensamentos Mbyá e a visão diferente das coisas que tínhamos. Em suspensão, tudo era novo e não sabíamos o que poderia acontecer. Um cinema-processo¹, inacabado, imprevisível, com informes de “em construção” em frente à obra — assim, construído narrativamente pela montagem de Tatiana Soares de Almeida (Tita). A fissura se deu apenas quando compreendemos a natureza dos nossos corpos — colocados em relação e como aliados. Postas em movimento, avançamos mais um degrau em nosso crescimento e fomos colocando nossa experiência pessoal nesse trabalho, compreendendo que possuímos dores distintas de um corpo mulher que “naturalmente” sangra e dores distintas por trajetórias completamente díspares no recorte de raça, cultura e espaço social.

Diante da câmera, criamos personagens, mas também colocamos nossos assuntos mais íntimos. Assumimos uma estética íntima — nosso diário relacional — um experimento visual feito por nós, duas mulheres de diferentes mundos que criaram um mundo dentro dessas diferenças. Nossa *auto-mise-en-scène*. Um deslocamento. Em deslocamento, deslocamos a câmera e o celular de uma mão para outra, deslocamos ser mulher de uma racialidade cultural para a outra. Na cosmologia Mbyá-Guarani, somos seres imperfeitos habitando este mundo imperfeito. Apenas a *Ivy Mará ey* (“terra sem males”), morada de *Nhanderu* (nosso pai celestial e divindades) é perfeita. *Nhanderu* criou o branco e os Mbyá como iguais, para viverem juntos no mundo imperfeito. O

¹ Ver Claudia Mesquita (2011, 2014) e Clarissa Alvarenga (2015, 2017).

branco e os Mbyá são iguais, filhos do mesmo pai e mesma mãe. Quando eles nasceram, Nhanderu deu um pé de milho para cada um e pediu que escolhessem. Os Mbyá escolheram o pé de milho com semente mole e os não indígenas o pé de milho com a semente dura. Somos iguais porque somos duas mulheres imperfeitas no mundo imperfeito e ao mesmo tempo, também somos diferentes. Tivemos que nos adaptar às nossas condições de existência e transformar nossas realidades para a realização de nosso filme — algo que parece fluído em se fazer. Em nosso processo, nos compreendemos um pouco mais, respeitamos a outra nos pontos divergentes, criamos um novo estado do que pode ser a diferença dentro do humano. Assim, o que de mais verdadeiro podemos oferecer é a justeza das nossas imagens, o pessoal que é político. Nos filmamos marcando nosso espaço como mulheres, como um mergulho espiritual no ser mulher, ser imperfeita.

É nesse lugar entre eu e a outra (e quem nessa relação é a outra?), entre observar o real e inventar o real, entre fazer e esperar acontecer, e, entre as incertezas, é aqui que nossa relação se estreita e gera — como duas mulheres que podem, se quiserem, gerar a vida — possibilidades estéticas e políticas por meio das nossas *conversas através* das imagens em *Teko Haxy*. Uma conversa junto à câmera que era uma amiga ali presente, nos filmávamos e conversávamos. É nesse lugar que localizamos nosso filme, como uma dobra no tempo, de passado, presente e futuro. Um tempo que ambas aprendemos a ter.



Imagem 1.

Cena do filme *Teko Haxy* — Ser imperfeita.

© Patrícia Ferreira Pará Yxapy.

Patrícia Ferreira Pará Yxapy:

Sempre me pergunto quais são as ações e quais as partes da minha cultura: até que ponto termina minha cultura e começa a outra? Penso muito nisso quando faço um trabalho e fico conversando com alguém de outra cultura. O que mais me possibilitou a entender isso, foram as práticas e ações diferentes que seguimos em determinado espaço, crenças, valores e modos de agir em determinado assunto ou momento. Ou seja, isso me deu um sentido das coisas. Eu compreendi que isso é a nossa identidade própria (de cada uma) e apesar de sermos tão iguais — no meu modo de pensar, somos iguais porque somos duas mulheres imperfeitas no mundo imperfeito, dois seres imperfeitos — e ao mesmo tempo, também somos diferentes. Somos iguais e diferentes. Tivemos que nos adaptar às nossas condições de existência e transformar nossas realidades. Sophia veio para minha aldeia e isso foi fruto de um esforço coletivo, pelo aprimoramento de valores culturais e materiais. Digo isso porque minha família acolheu Sophia, sendo que ela era de fora e nós fizemos um esforço de tentar compreender Sophia e Sophia nos compreender. E isso foi fundamental para entender os nossos valores morais e éticos que guiaram nossos comportamentos, nossa relação e nossa obra. Entender como esses valores internalizaram em nós e em como isso conduziu nossa relação uma com a outra. Primeiramente, nós aceitamos o desafio de mudar, de nos compreender.

—
Imagem 2

Cena do filme *Teko Haxy*

— *Ser imperfeita*.

© Sophia Pinheiro.



Então, acredito que sobre todas as coisas houve diferenças culturais. E acho que não poderia haver uma evolução espiritual para nós duas sem a nossa abertura de compreensão para nossos dois mundos. Desse forma, foi possível alcançar nosso objetivo, pelo menos para mim. Houve uma espécie de consciência de nós duas, como humanas. Foi muito rápida nossa elevação para ver o amor, para ver nosso interior e a realidade de cada uma. E acho que quando a gente percebeu essa verdade fomos acolhidas uma pela outra. Nosso amor começou a se manifestar em cada uma das coisas e no ambiente em

si. E assim, todo o processo para mim foi uma busca espiritual de vida — cada vez mais maravilhosa — que foi colocada em nós duas.

Sophia Pinheiro:

Combinávamos alguns vídeos, mas outros surgiam de maneira espontânea. Embora tivéssemos nossos temas guiando as filmagens, nossa experiência e a espontaneidade das coisas foram, na verdade, nosso roteiro. A cada início de filmagem, a performance diante da câmera era fabulada, como uma câmera-diário, uma escrita compartilhada feita da nossa relação.

O extracampo (tudo que envolve a cosmologia Mbyá) está sempre presente nas ações de Patrícia como ser. Seu “modo de ser” (o *nhande reko guarani*) está presente cotidianamente em qualquer atividade que ela faça. Nas coisas simples como escolher qual parte da galinha cortar, quando vai tomar banho de rio, quando me ensina sobre os cuidados sexuais e a produção do corpo entre meninas e meninos... Aprendi de dentro para fora (da casa para o mundo) a cultura Mbyá. E assim, o movimento de dentro para fora e de fora para dentro manteve-se constante entre mim e Patrícia. Deslocamento que ela faz constantemente entre sua etnia e os *juruá kuery* (não indígenas).

Trazemos à tona uma questão pouco enfatizada na antropologia, nas artes visuais e no audiovisual que são “as questões das mulheres”: a casa, a maternidade, a mulher e suas relações afetivas, a sexualidade, o corpo, as dores, as somatizações disso tudo. Principalmente, como todos esses temas comuns, do dia-a-dia, estão diretamente imbricados em nossa vida política, social e cultural. Confrontando assim, a desvalorização universal do domínio doméstico. O mais bonito disso tudo é como as camadas das nossas personalidades e como vemos o mundo a partir das nossas experiências cotidianas, vão se tencionando e deixando nossas contradições expostas. Patrícia quando diz para os brancos: “acho que vocês queriam que a gente não existisse” no limite, ela também destina a mim. Mas, ainda sim, somos nós, Patrícia e Sophia, vulgo “mulher indígena” e “mulher branca”, criando uma obra artística juntas e isso sim pode ser uma arma pra rasgar o peito de todo olhar com viés etnocêntrico, etnocida, preconceituoso e machista. Nos filmamos marcando nosso tempo como mulheres. É como um laboratório do nosso feminino. Um mergulho em ser imperfeita.

Em nossos acordos de filmagens e em nosso calendário, tivemos algumas incompatibilidades, um movimento duplo de se adequar uma ao tempo da outra. Um jogo de espelhos complexo do reconhecimento da construção do sujeito em todo o lugar, em que se aprende a *ver* o mundo através do que a autora Deepika Bahri (2013, 683) chama de “lógica da adjacência”: “leríamos, então, as mulheres no mundo não como iguais, mas como vizinhas, como ‘moradoras próximas’ cuja adjacência pode tornar-se mais significativa [...] leríamos o mundo não como único (no sentido de já estar unido), mas como um conjunto”.

Por fim, *através* dos nossos conflitos subjetivos e coletivos e das nossas formas de *ver* o mundo, estávamos sob o risco, pois lançar-se na incerteza pode não dar certo, mas até o que “não dá certo”, nos é importante e faz parte do nosso processo. Como salienta David MacDougall (1975, 128): “conjecturar que um filme não precisa ser uma performance estética ou científica: ele pode se tornar a arena de uma investigação”. Na presença desse “campo” investigativo, a abordagem das nossas imagens, por meio do desenho e da câmera, explora justamente a aproximação e a tensão desses métodos.



—
Imagem 3
Cena do filme Teko Haxy
— Ser imperfeita.
© Sophia Pinheiro.

Bibliografia

- Alvarenga, Clarisse. 2017. *Da cena do contato ao inacabamento da história: Os últimos isolados (1967-1999), Corumbiara (1986-2009) e Os Arara (1980-)*. Salvador: Edufba.
- Bahri, Deepika. 2013. "Feminismo e/no pós-colonialismo." *Estudos Feministas* 21(2): 659-688. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000200018>.
- MacDugall, David. 1975. "Beyond observational cinema." In *Principles of visual anthropology*, edited by Paul Hockings, 115-132. New York, NY: Mouton de Gruyter.
- Mesquita, Cláudia. 2011. "Obra em processo ou processo como obra?." In *Cinema Brasileiro Anos 2000: 10 questões*, edited by Cléber Eduardo, Eduardo Valente, e João Luiz Vieira. Revista Cinética.
- Trinh, Minh-ha T. 2012. "Diferente de você/Como você: mulheres pós-coloniais e as questões interligadas da identidade e da diferença". *Issuu*, November 14, 2012. https://issuu.com/forumdoc/docs/catalogo_forumdoc_2012.

PATRÍCIA FERREIRA PARÁ YXAPY

—

Nota biográfica

Professora e realizadora audiovisual indígena da etnia Mbyá-Guarani. Em 2007, co-fundou o Coletivo Mbyá-Guarani de Cinema. Está em processo de finalização da sua primeira longa e circula em festivais de cinema com o filme *Teko Haxy — Ser imperfeita*, codirigido com Sophia Pinheiro. Em 2019, participou da mostra *Ameríndia — Percursos de Cinema Indígena Brasileiro*, em Lisboa, e participou como artista da 21ª Bienal de Arte Contemporânea Sesc_Videobrasil. Em 2020, teve sua primeira exposição individual na Berlinale, dentro da mostra do programa Forum Expanded e participou do projeto *Nhemongueta Kunhã Mbaraete*, trocas de vídeo-cartas com Graci Guarani, Michele Kaiowá e Sophia Pinheiro, comissionada pelo Instituto Moreira Salles durante a pandemia de Covid-19. Com o Coletivo Mbyá-Guarani de Cinema realizou *Bicicletas de Nhanderu* (46', 2011) com Vincent Carelli e Ernesto de Carvalho; *Desterro Guarani* (38' 2012); *Tava: A casa de pedra* (78', 2013) com Vincent Carelli e Ernesto de Carvalho; *Mbya-Mirim* (23', 2014); e *No caminho com Mario* (20', 2018).

—

CV

https://pt.wikipedia.org/wiki/Patr%C3%ADcia_Ferreira_Pará_Yxapy

—

Morada institucional

Aldeia Ko'enju
São Miguel das Missões (RS — Brasil).

—

Recebido Received: 2021-01-30

—

DOI <https://doi.org/10.34619/sgjq-tcpt>

SOPHIA PINHEIRO

—

Nota biográfica

Pensadora visual, artista, poeta e pesquisadora interessada nas políticas e poéticas visuais do corpo, marcadores da diferença e decolonialidade, principalmente em contextos étnicos, de gênero e sexualidade. Artista visual formada pela Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás e mestre em Antropologia Social pelo PPGAS da Universidade Federal de Goiás, é atualmente doutoranda em Cinema e Audiovisual no PPGCine da Universidade Federal Fulminense. É professora da Academia Internacional de Cinema, no Rio de Janeiro, foi artista residente do programa *Formação e Deformação — Emergência e Resistência 2019* e da Escola de Artes Visuais do Parque Lage (RJ). Recentemente, co-dirigiu, com Patrícia Ferreira Pará Yxapy, o filme *TEKO HAXY — ser imperfeita* (2018) e participou do projeto *Nhemongueta Kunhã Mbaraete*, trocas de vídeo-cartas com Graci Guarani, Michele Kaiowá e Patrícia Ferreira, comissionada pelo Instituto Moreira Salles durante a pandemia de Covid-19. Expôs seus trabalhos artísticos e publicou seus poemas no Brasil e no exterior.

—

Lattes iD

[3686998218403865](https://lattes.inct.gov.br/lattes/doc/3686998218403865)

—

Morada institucional

Rua Oswaldo Arouca, 563, apt 64
Vila Formosa, CEP: 03363-000
São Paulo — SP.

Aceite Accepted: 2021-04-05